

Raphael Coelho Neto
Universidade Federal de Minas Gerais
raphaelcneto@yahoo.com.br

Exílio, literatura e solidariedade: Pablo Neruda, a guerra civil espanhola e a ditadura pinochetista nas revistas *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*

Exile, literature and solidarity: Pablo Neruda, the Spanish civil war and the Pinochet dictatorship in *Araucaria de Chile* and *Literatura Chilena* magazines

Resumo

Neste artigo, propomos analisar as abordagens das duas principais revistas culturais do exílio chileno, *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, acerca da guerra civil espanhola e da ditadura pinochetista sob a perspectiva da literatura e da solidariedade entre Pablo Neruda e os escritores espanhóis impactados pelo conflito no país europeu e opositores dos valores autoritários do franquismo. Buscaremos refletir de que maneira nosso recorte de análise pautado na literatura e na resistência política estaria conforme com os projetos coletivos das revistas, amparados em valores das culturas políticas de esquerda do Chile.

Palavras-chave: *Araucaria de Chile*; *Literatura Chilena*; Pablo Neruda; Guerra Civil Espanhola; Ditadura Pinochetista.

Abstract

In this article, we propose to analyze the approaches of the two main cultural journals of the Chilean exile, *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, about the Spanish civil war and the Pinochet dictatorship from the perspective of the literature of political resistance and the solidarity between Pablo Neruda and the Spanish writers impacted by the conflict in the European country and the opponents of the authoritarian values of the Franco regime. We will seek to reflect how our specific analysis based on literature and political resistance could be in compliance with the collective projects of the magazines, and supported by

the values of leftist political cultures of Chile.

Keywords: Araucaria de Chile; Literatura Chilena; Pablo Neruda; Spanish Civil War; Pinochet Dictatorship.

Dentre as possibilidades de resistência à ascensão de movimentos políticos autoritários, em que a repressão e a violência aplicadas pelo Estado ou grupos paramilitares de maneira a eliminar a dissensão política deram o tom das disputas no espaço público, destacamos a ebulição que as artes e a literatura tiveram nesses momentos de tensão e instabilidade social. O caso do Chile foi emblemático nesse aspecto, sobretudo quando pensamos na atuação de intelectuais no exílio, cuja saída massiva do país foi provocada pela ditadura imposta após o golpe militar de 11 de setembro de 1973, que destituiu do Estado o então presidente Salvador Allende, eleito em 1970 pela Unidade Popular (UP). A UP foi uma coalizão política composta por partidos de esquerda do Chile, com destaque para o Partido Comunista e o Partido Socialista, coalizão esta que propunha a via institucional/democrática para o socialismo, conhecida como “via chilena”.

Sobre o golpe militar no Chile, Alberto Aggio analisou prioritariamente os conflitos políticos internos do governo da Unidade Popular, decorrentes, segundo o autor, da heterogeneidade de sua composição política à esquerda. Para Aggio, a ação política e de governo da UP não conseguiu expressar-se consensualmente através de um projeto claro de construção do socialismo pela via institucional-democrática, aspecto central do seu programa. Somou-se a isso a forte oposição sofrida no parlamento por meio da Democracia Cristã e do Partido Nacional, travando institucionalmente o governo de Salvador Allende. Junto à ausência de um claro projeto que unificasse os partidos de esquerda que compunham a UP, a direita chilena pressionava o governo através de forte campanha ideológica e práticas de desestabilização econômica e social, visando a quebra de sua legitimidade diante da sociedade, com importante respaldo do governo dos Estados Unidos. O golpe de Estado ocorreu em meio a esse cenário de fragilidade política da UP e união entre as forças sociais da direita chilena e setores das Forças Armadas do país. Estes, carregados por uma formação e violento direcionamento anticomunista, justificaram sua ação expondo a necessidade de restaurar a unidade nacional e retirar o Chile do caos econômico e do que consideravam como suposta ilegitimidade política sob a presidência de Allende, visto que ele teria perdido, nessa visão, a autoridade necessária para governar o país.¹

Após o violento golpe de Estado, formou-se a Junta Militar de governo, composta pelo general Augusto Pinochet (Comandante em Chefe do Exército), pelo general Gustavo Leigh (Comandante da Força Aérea), pelo general Cesar Mendonza (Diretor do corpo de Carabineros) e pelo almirante José Toribio Merino (da Armada). Durante a década de 1970, o poder Executivo, antes dissipado pelos militares da Junta, paulatinamente concentrou-se em Augusto Pinochet, a ponto deste, ao contrário das ditaduras militares do Brasil e da Argentina, por exemplo, conduzir a política do país até o final da ditadura, em 1990, personificando um dos governos mais repressivos da América Latina nesse contexto. Aprofundando essa ideia, a historiadora chilena

¹ Aggio, A. (2002). *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume.

Verónica Valdivia definiu como pinochetismo o processo de personalismo autoritário da ditadura no Chile, que possuiu forte relação com a construção de um caráter projetual, marcado pela refundação total do país. Isso pressupunha a utilização de um aparato repressivo brutal e uma guerra contra o marxismo que se daria tanto na frente política como também na social e na econômica, possibilitando novas estratégias de desenvolvimento e novos sistemas de crenças e valores apresentados à população chilena.² Na perspectiva da autora, o centralismo de poder em Pinochet passava pelo estabelecimento de uma nova institucionalidade, consubstanciada na Constituição de 1980. A aliança entre os gremialistas, liderados pelo jovem advogado Jaime Guzmán, e os neoliberais, economistas formados na Escola de Chicago – os denominados Chicago Boys – que pautaram a política econômica da ditadura, ofereceu as bases de sustentação civil do projeto de institucionalização do pinochetismo.

Na perspectiva da resistência a governos autoritários dessa natureza, entendemos que as revistas culturais podem exercer papel fundamental na reunião, experimentação e divulgação da produção intelectual de oposição política em suas várias frentes, seja no âmbito acadêmico, artístico e/ou literário. Afinal de contas, em concordância com o que propôs Roxana Patiño acerca das revistas culturais, tais impressos permitem compreender “os processos de conformação de ideologias literárias e culturais, os mecanismos de instauração e consagração de um tipo de discurso em detrimento de outros, a constituição de certa classe de intelectual erigido a ‘voz autorizada’[...]”. Conformadas como projeto coletivo, as revistas culturais podem atuar também como intervenção política, “uma intervenção na esfera pública a partir do discurso intelectual, e não fora dele”.³

Tendo como fonte e objeto de análise as revistas culturais chilenas *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, criadas no exílio durante a ditadura de Augusto Pinochet, propomos refletir sobre a resistência exercida por elas à repressão pinochetista a partir da análise da veiculação em suas páginas da solidariedade mútua entre o poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973) e os escritores espanhóis que resistiram, especialmente por meio de sua literatura, à avalanche autoritária resultante da violenta guerra civil espanhola (1936-1939). Esse momento trágico de enfrentamento na Espanha, que opôs republicanos destituídos do poder, por um lado, e, por outro, um amplo campo da direita espanhola que incluía militares, fascistas e carlistas, resultou no franquismo, iniciado com a ascensão de Francisco Franco ao poder após o fim do conflito em 1939 até a sua morte em novembro de 1975, pondo fim a uma ditadura altamente repressiva, marcada por milhares de execuções e uma grandiosa estrutura de campos de trabalhos forçados.⁴ Dentre os intelectuais espanhóis de maior destaque a contribuir com publicações nas duas revistas chilenas, identificados com o campo republicano progressista, estiveram Rafael Alberti e Vicente Aleixandre, consagrados escritores vinculados à Geração de 27, como ficou conhecido o seletor

² Valdivia, V. (2015). *Pinochetismo e guerra social no Chile*. En R. P. S. Motta (org). *Ditaduras Militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai* (pp. 121-141). Belo Horizonte: Editora UFMG.

³ Patiño, R. (2009). *América Latina: literatura e crítica em revista(s)*. En E. M. de Souza, R. Marques (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina* (pp. 460-461). Belo Horizonte: Editora UFMG.

⁴ Casanova, J. (org.) (2002). *Morir, matar, sobreviver: la violencia en la dictadura de Franco*. Barcelona: Crítica.

ciclo de escritores e intelectuais com os quais Neruda conviveu de maneira próxima quando de sua passagem pela Espanha antes e depois da eclosão da Guerra Civil.⁵

A respeito das revistas, *Literatura Chilena en el Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* possuiu circulação trimestral. Fundada e dirigida pelos escritores, ensaístas e críticos Fernando Alegría e David Valjalo, sua primeira edição foi publicada em Los Angeles, nos Estados Unidos, pela editora *Ediciones de la Frontera*, em janeiro de 1977. Denominada *Literatura Chilena en el Exilio* desde sua criação até abril de 1980, quando Fernando Alegría deixou a direção do impresso, passou a se chamar *Literatura Chilena, Creación y Crítica*, mantendo, todavia, as linhas centrais de sua atuação cultural e política contra a ditadura no Chile, não tendo passado por modificações importantes em relação a seu projeto original. Quando nos referirmos à revista, que circulou no exílio entre 1977 até 1989, utilizaremos o nome simplificado de *Literatura Chilena*. Além de Alegría e Valjalo, dentre seus principais e mais frequentes colaboradores estiveram intelectuais chilenos que atuaram em projetos culturais politicamente associados à Unidade Popular e ao governo do socialista Salvador Allende, como os acadêmicos, críticos e ensaístas Guillermo Araya, Juan Armando Epple, Jaime Concha e Pedro Bravo-Elizondo.

Foram no total 58 números da revista, dos quais os 50 primeiros foram publicados no exílio. Em seu primeiro número, o editorial de abertura expôs as questões centrais da fundação de *Literatura Chilena*: resistir à ditadura militar e estabelecer a unidade dos intelectuais chilenos progressistas, promovendo, desde o exílio, seus trabalhos de investigação e criação artística e literária.⁶

Araucaria de Chile, por sua vez, foi fundada por iniciativa de intelectuais vinculados ao Partido Comunista de Chile (PCCh), como o político e escritor Volodia Teitelboim, que se tornou seu diretor, e o editor e escritor Carlos Orellana, nomeado secretário de redação. Teitelboim, embora escritor de trajetória relevante, notabilizou-se pela longa militância no PCCh, tendo sido um dos principais integrantes do comitê central do partido. De circulação trimestral, a revista publicou sua primeira edição em 1978, tendo como sede da redação a capital francesa, Paris, onde se encontrou exilado Carlos Orellana, que acompanhou de perto toda a produção do impresso. Em 1984, a redação de *Araucaria de Chile* estabeleceu-se em Madrid, pois ali foi impressa pela editora *Ediciones Michay* desde seu primeiro número. Ao mudar a sede para a capital espanhola, concentrou-se, assim, todo o processo de execução e distribuição de suas edições.

Araucaria foi publicada ao longo de 12 anos, ininterruptamente, totalizando 48 números. Dentre seus principais colaboradores chilenos e que pertenceram a seu comitê de redação estiveram os acadêmicos, críticos literários e ensaístas Luis Bocaz e Soledad Bianchi, o jornalista Luis Alberto Mansilla, o filósofo Osvaldo Fernández e o economista Alberto Martínez. Escritores chilenos e latino-americanos, muitos deles de prestígio internacional, contribuíram frequentemente com a revista, como Julio Cortázar, Eduardo Galeano, Mario Benedetti, Ariel Dorfman e Isabel Allende.

⁵ A respeito da relação entre Pablo Neruda e os poetas da Geração de 27, ver Salvador, A. (2013). Pablo Neruda y la Generación del 27. *Revista Letral*, n. 10, 73-87.

⁶ Editorial (1977). *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 1, 1.

O editorial de lançamento da revista afirmou que o nome *Araucaria de Chile* foi uma referência a ícones da identidade chilena, que possuíam relação direta com a semântica da resistência, como a árvore típica da paisagem centro-sul do país e os povos araucanos. Assim, expressou-se que “*Araucaria* es no sólo el símbolo de un pueblo que resistió tres siglos al opresor. También es el árbol que, invierno o verano, representa la esperanza”.⁷ Tal qual *Literatura Chilena*, a revista se propôs a ser meio de expressão das manifestações culturais chilenas, resistindo e combatendo, veementemente, desde o exílio, a ditadura militar no Chile.

Como se nota, para pensarmos na atuação das duas revistas chilenas de exílio, torna-se central esboçarmos o que entendemos conceitualmente por resistência, tendo por base a proposta teórica de Jacques Sémelin. Apontamos, então, que essa categoria pressupõe resposta e confrontação a situações postas no presente que, em certa medida, resultaram de uma ruptura em relação à ordem anterior dos envolvidos. Trata-se, portanto, de uma maneira de afirmar ou manter uma identidade ante a um processo brusco e, por vezes, violento de ruptura. Resistir requereria uma ação conjunta, que buscasse construir entre os membros de um grupo aquilo que Sémelin chamou de “*modes clandestins de liaison*”, objetivando ganhar adeptos e reocupar o espaço público. Sémelin afirmou ainda que, para que a resistência se tornasse durável e eficaz, far-se-ia necessária a edificação de sistemas de comunicação que possibilitassem o fortalecimento de uma identidade política, coordenassem sua organização e influíssem sobre a opinião pública. Nesse sentido, a busca pela adesão social consistiria na força motriz de todo movimento de resistência, já que resistir, apontou o autor, pressupunha agir de maneira solidária, servindo a uma causa específica.⁸

A partir dessa reflexão teórica, interpretamos que a criação de revistas culturais e políticas no exílio, de oposição a governos autoritários, constituiu um ato de resistência que permitiu consolidar laços identitários e de solidariedade entre seus aderentes, favorecendo a construção de redes intelectuais de caráter transnacional. A existência de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* ao longo de mais de 10 anos, reunindo em suas páginas parte importante da intelectualidade chilena, latino-americana e, em menor proporção, também europeia, evidenciou a importância e contribuição que elas tiveram para a recepção e divulgação da produção cultural marcada pela causa chilena de resistência à ditadura de Augusto Pinochet. A forte ligação de diretores, editores e principais colaboradores de *Literatura Chilena* e *Araucaria de Chile* às esquerdas consistiu em indicativo relevante a respeito da atuação cultural e política dos impressos, divulgadores de práticas, símbolos, valores e personagens que fizeram parte das culturas políticas socialista e comunista do Chile.

De acordo com Serge Berstein, conceber uma cultura política corresponde a pensar em um sistema de representações compartilhadas por um grupo que, interiorizadas, determinam as motivações do ato político.⁹ Em um sentido próximo e complementar a Berstein, concordamos com Rodrigo Patto Sá Motta quando o autor interpretou cultura política como um conjunto de valores, representações e práticas políticas compartilhado por determinado grupo, expressando identidades coletivas e podendo mobilizar linguagens, discursos, personagens, memórias, mitos e

⁷ Editorial. (1978). *Araucaria de Chile*, n. 1, 7.

⁸ Sémelin, J. (1994). Qu'est-ce que 'résister'?. *Esprit*, n. 198, 53-55.

⁹ Berstein, S. (2009). *Culturas políticas e historiografia* (pp. 29-47). En Mauad, A. M.; Azevedo, C. (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

símbolos.¹⁰ Com essa aparato teórico, podemos perceber a construção, por meio de representações e imaginários, de mitos e heróis exemplares, assim como dos inimigos mais odientos.¹¹

Com a ditadura militar chilena, nas culturas políticas de esquerda do Chile frequentemente foram forjadas representações negativas sobre Augusto Pinochet, caracterizado como “fascista” pelas duas revistas de exílio. A repressão, as prisões políticas e os “campos de concentração” da ditadura militar no Chile, além do resgate de valores católicos-corporativistas, conservadores e autoritários franquistas na composição dos elementos nacionais chilenos durante a construção do pinochetismo, sugeriram aos editores e colaboradores de *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena* a comparação frequente entre Pinochet e Francisco Franco, ditador espanhol e um dos principais militares que conspiraram contra o governo republicano, o que levou, como explicamos, ao golpe e à guerra civil espanhola.

Assim, julgamos ser necessário um esclarecimento quanto ao uso do termo “fascismo” para nos referirmos às experiências ditatoriais espanhola e chilena. Embora objeto de distintas análises e interpretações dentro da historiografia, como bem apontou Enzo Traverso em artigo sobre as contribuições de estudiosos como George Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile, resguardadas as especificidades de cada experiência fascista, o fascismo pode ser entendido, em suas linhas centrais, como um regime ou movimento de forte mobilização e nacionalização das massas, baseado em um líder cultuado e mitificado por meio de intenso e sistemático uso da propaganda política, geralmente sustentado em um partido único no interior de um Estado orgânico e rigidamente hierárquico.¹² Fenômenos europeus de acentuada ascensão após a Primeira Grande Guerra (1914-1918), os fascismos instauraram novo regimes, destruindo o Estado de direito, o parlamentarismo e a democracia liberal. Nas palavras de Traverso, as experiências fascistas inscreveram intelectuais, movimentos, partidos e regimes, imiscuindo e combinando (em linhas gerais, mas não necessariamente em todas as experiências) tradição, conservadorismo e modernidade, revolução e contrarrevolução, nacionalismo e imperialismo - visto seu caráter expansionista e de dominação -, antissemitismo e racismo, antiliberalismo e anticomunismo, elaborando mitos, símbolos e práticas políticas, edificando e perseguindo violentamente seus inimigos.¹³ No caso da Espanha do ditador Francisco Franco, um nacionalismo de orientação claramente fascista se fez presente através da *Falange*, coexistindo com um nacional-catolicismo e um conservadorismo das elites tradicionais na composição de seu regime autoritário. No Chile sob a ditadura de Pinochet, acreditamos que sua associação ao

¹⁰ Motta, R. P. S. (2009). *Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia* (pp. 13-38). En Motta, R. P. S. (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm.

¹¹ Motta, R. P. S. (2013). *A cultura política comunista: alguns apontamentos* (pp. 17). En Motta, R. P. S.; Napolitano, M.; Czajka, R. (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

¹² Traverso, E. (2015). *Interpretar o fascismo: sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile* (pp. 27 y 32). En Quadrat, S. V.; Rollemberg, D. (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*, v.1. Rio de Janeiro: Editora FGV. Ver também Bertonha, J. F. (2015). Sobre fascismos e ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do Brasil, Argentina e Chile. *Revista de História Comparada*, n. 1, 203-231.

¹³ Traverso, E. (2015). *Interpretar o fascismo: sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile* (pp. 27 y 32). En Quadrat, S. V.; Rollemberg, D. (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*, v.1. Rio de Janeiro: Editora FGV.

fascismo e a conseqüente comparação com o regime franquista ou mesmo nazista ocorreram no campo dos discursos políticos, como mais um elemento constitutivo do vocabulário das esquerdas em sua oposição e resistência à construção do pinochetismo. Não podemos negligenciar as influências prussianas na formação militar chilena, por exemplo, tampouco a admiração e inspiração de Pinochet em relação à ditadura franquista.¹⁴ Contudo, os elementos clássicos do fascismo estiveram contextualmente datados e localizados em experiências europeias, não se fazendo presentes em plenitude e nos termos originais e clássicos no governo ditatorial de Pinochet. Os traços de conservadorismo, anticomunismo e de autoritarismo, evidentes na extrema repressão e violência política contra os opositores da ditadura chilena por meio da polícia política, das prisões, dos “campos de concentração”, das mortes e de um expressivo exílio, foram os principais fatores que, a nosso ver, como dissemos, possibilitaram a frequente comparação com o que foi a experiência de repressão sistemática do franquismo. Outras orientações políticas e econômicas de direita concorreram muito mais fortemente na sustentação da ditadura pinochetista, como o gremialismo e o neoliberalismo, do que qualquer inspiração fascista. Mesmo no caso da influência cultural franquista no Chile sob Pinochet, os valores hispanistas e corporativistas-católicos foram os que prevaleceram, como bem destacou Isabel Jara Hinojosa.¹⁵

Dentre os elementos positivos das culturas de esquerda do Chile, sobretudo a comunista, certamente Pablo Neruda foi retomado de maneira comum pelas revistas pelo duplo viés que ele representou: o da cultura de valor estético consagrado pela crítica e o da política, pelo engajamento como intelectual militante do Partido Comunista e também através de sua literatura, especialmente nas obras *España en el corazón* e *Canto General*.

O poeta comunista foi intensamente analisado em *Araucaria de Chile* sob aspectos diversos que contemplaram sua substancial produção poética. Contudo, interessa-nos observar as abordagens, majoritárias na revista, que construíram suas representações a partir de duas instâncias que se imiscuíram em vários momentos ao longo de sua trajetória: a literária e a política.

As palavras apresentadas no editorial do oitavo número da revista, que, por sinal, dedicou uma seção especial em homenagem aos 75 anos de nascimento do poeta, indicaram bem o modo como ele foi retomado, predominantemente, em suas páginas. Tais foram os dizeres em *Araucaria*: “Neruda es hoy, más que nunca, punto de partida y de llegada en cualquier proyecto antifascista”.¹⁶ Várias questões estariam implícitas nessa frase. Em essencial, acreditamos que o sentido dado por *Araucaria de Chile* foi o de que a resistência à ditadura, através do resgate da vida política e literária de Pablo Neruda, consistia, sobretudo, em analisar sua produção poética sob a ótica do poeta engajado, fortemente ligado ao comunismo, cuja militância, além da literatura, exerceu-se nos consulados, no Congresso Nacional ou em apoio ao companheiro

¹⁴ Ver Jara Hinojosa, I. (2006). *De Franco a Pinochet: el proyecto cultural franquista en Chile, 1936-1980*. Colección Teoría 16, Programa de Magíster en Teoría en Historia del Arte, Facultad de Artes Universidad de Chile; Muñoz, H. (2010). *A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar; Dorfman, A. (2003). *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras.

¹⁵ Jara Hinojosa, I. (2006). *De Franco a Pinochet: el proyecto cultural franquista en Chile, 1936-1980*. Colección Teoría 16, Programa de Magíster en Teoría en Historia del Arte, Facultad de Artes Universidad de Chile.

¹⁶ Editorial. (1979). *Araucaria de Chile*, n. 8, 4.

Salvador Allende ao longo de suas campanhas à presidência do Chile e durante a Unidade Popular, ao lado das causas populares e dos trabalhadores chilenos.

No número 26 de *Araucaria de Chile*, cinco anos após a publicação da oitava edição, novamente a revista homenageou o poeta pelos 80 anos que teria feito em julho daquele ano de 1984. Foram impressionantes 87 páginas dedicadas a diversas análises acerca da sua personalidade, da sua trajetória intelectual e política e, claro, da sua produção literária.¹⁷ No editorial desse número, os argumentos utilizados no texto assemelharam-se à expressão impressa no editorial do número 8 da revista, ao se afirmar que os versos de Pablo Neruda “han pasado a ser la palabra de casi todos los días. Punto de partida y punto de llegada en el proyecto popular, encarnan la verdad, la inteligencia y la belleza contra la mentira, el oscurantismo y el horror”.¹⁸ A essência de ambas as frases permaneceu de uma edição a outra. Pressupunha-se apropriar-se da imagem do poeta pelo viés da resistência política, bem como pela ótica associada aos valores da cultura política comunista no Chile, para a qual Neruda tornou-se um dos principais personagens - junto ao fundador do partido Luis Emilio Recabarren. Foram substituídas, da oitava edição para a vigésima sexta, as expressões “projeto antifascista” por “projeto popular”, o que, interpretamos, relacionou-se à mudança no editorialismo programático de *Araucaria de Chile* que, se em seus primeiros anos preconizava a formação de uma frente ampla antifascista, passou a defender, posteriormente, a mobilização popular insurrecional contra Pinochet, aos moldes do que preconizava o partido ao qual a revista estava associada.

A junção entre literatura e política em Pablo Neruda foi a essência do ensaio publicado por Volodia Teitelboim na mesma edição 26 de *Araucaria*. Para ele, resultava em missão árdua compreender a vasta obra poética nerudiana com a profundidade e as significações que ela poderia alcançar. O objeto central das considerações de Teitelboim foi *Canto General*,¹⁹ embora não tenha deixado de apontar *España en el corazón* como marcante em sua produção poética política e social. Os marcos traumáticos da violência da guerra civil espanhola e a ascensão do fascismo na Espanha não só influíram sobre a escrita engajada de *España en el corazón*, como

¹⁷ Tais análises estiveram na seção *Aniversario*, compreendidas entre as páginas 55 e 142. Foram publicados textos de Julio Cortázar e dos críticos chilenos Hernán Castellano Girón, Francisco Coloane, Humberto Díaz-Casanueva, Hernán Loyola, Osvaldo Obregón, Federico Schopf, Raul Silva Cáceres e José Miguel Varas. Alguns deles, como os de Díaz-Casanueva e Schopf, serão analisados mais à frente.

¹⁸ Editorial. (1984). A los lectores. 80 años de Neruda. *Araucaria de Chile*, n. 26, 5.

¹⁹ *Canto General* começou a ser escrito em 1938 e foi finalizado em 1949, pouco antes de Neruda abandonar o Chile, dada a perseguição política que sofreu de um dos seus principais adversários políticos à época, o presidente González Videla. O livro esteve dividido em 15 seções, com a totalidade de 231 poemas e mais de 15 mil versos. De acordo com Adriane Vidal Costa, *Canto General* foi um poema épico-social, orientado pelo compromisso político do poeta que, naqueles anos, experimentou intensa militância. Resultou das várias experiências vividas por ele, tais como a luta contra o fascismo, a colaboração com o triunfo da Frente Popular em 1938, a eleição como senador, a filiação ao Partido Comunista do Chile e a clandestinidade durante o governo de González Videla. A América foi o tema principal de uma série de episódios míticos, naturais e políticos versificados por Pablo Neruda em *Canto General*. Realizando um entrecruzamento entre história e poesia, tratou-se, assim, de um poema de evidente compromisso com a história latino-americana, assumindo a posição de resistência aos discursos dominantes e colocando-se ao lado dos indígenas, dos libertadores, dos trabalhadores, dos pobres, dos personagens centrais ligados à história do comunismo chileno e internacional. Ver Costa, A. V. (2007). *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers.

assomaram-se às demais experiências políticas e intelectuais do poeta que refletiram também em *Canto General*, sobretudo no que diz respeito à sua luta contra o fascismo.

En la obra nerudiana hay colinas y macizos montañosos. Todos tienen su belleza heterogénea. Las colinas responden a un momento más breve y a un motivo singularizado. Las cimas son imponentes, del tamaño andino. Confundidas con lo profundo de la tierra, tienen la cabeza tapada por las nubes y tocan el cielo muy de cerca. Entre todas sus cumbres cordilleranas, sin duda, el *Canto General* es la mayor [...]. Efectivamente refleja muy de cerca esa época de la vida del poeta marcada por las experiencias de la Guerra Civil Española, de la Segunda Guerra Mundial, del Frente Popular chileno, de su participación en la victoria de Gabriel González Videla y su denuncia por la traición del turbio personaje. La tónica de esos días se la dio su vivencia política, la preocupación social.²⁰

Canto General, para Volodia Teitelboim, representou o ponto máximo do engajamento de Neruda, no qual a visão de mundo comunista do poeta exerceu-se de maneira mais evidente em seus versos. Não obstante a vastidão e a importância reconhecida dessa obra poética, as abordagens à dimensão política na poesia de Pablo Neruda, na revista *Araucaria de Chile*, não se limitaram a ela. Como reconheceu Federico Schopf, “la esencia social del hombre había comenzado a ser explícitamente proclamada, como se sabe, ya en *España en el Corazón*”. Nesse livro, afirmou, o povo começou a ser “el héroe colectivo” de seus poemas. O que teria ocorrido na poesia nerudiana a partir desse momento, segundo Schopf, foi “la reintegración del individuo a los hombres, el reconocimiento de su esencia social”.²¹

Publicada em 1937, no Chile, pela editora Ercilla, *España en el corazón. Himno a las Glorias del Pueblo en la Guerra* foi escrita por Pablo Neruda em Madrid, onde vivia como cônsul geral de seu país. O poeta pôde, dessa forma, acompanhar de perto a violência da guerra civil espanhola, desencadeada após a reação de militares e da direita fascista espanhola contra a vitória eleitoral da Frente Popular em fevereiro de 1936, buscando-se, com isso, perpetrar um golpe de Estado contra o governo democrático-republicano espanhol em julho daquele ano. A temática da mencionada obra poética sustentou-se, então, na solidariedade de Neruda com a resistência dos republicanos espanhóis ao avanço violento, pelo território do país, dos nacionalistas conservadores e da *Falange* fascista de Primo de Rivera junto aos militares que ganharam em pouco tempo a liderança centralizada de Francisco Franco.²²

Volodia Teitelboim, em sua biografia sobre Pablo Neruda, afirmou que *Espanã en el corazón* foi a crônica dos conflitos durante a Guerra Civil e uma “dantesca condenação do general Franco aos infernos”.²³ No livro, completou Adriane Vidal Costa - de maneira próxima ao que havia apontado Federico Schopf em *Araucaria de Chile* na edição de número 26 -, a poesia nerudiana adquiriu contornos históricos e uma dimensão político-social que se

²⁰ Teitelboim, V. (1984). Para leer el “Canto General”. *Araucaria de Chile*, n. 26, 206.

²¹ Schopf, F. (1984). Las huellas del poeta. *Araucaria de Chile*, n. 26, 125-126.

²² Sobre a guerra civil espanhola, ver Beevor, A. (2005). *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica; Cruz, R. (2006). *En el nombre del pueblo. República, rebelión y guerra en la España de 1936*. Madrid: Siglo XXI.

²³ Teitelboim, V. *Apud* Costa, A. V. (2007). *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers. pp. 95.

consolidaria, pouco mais de uma década depois, com *Canto General*. A guerra civil espanhola desenvolveu em Neruda um engajamento com os conflitos políticos daquele contexto que giraram em torno ao nazi-fascismo, por um lado, e, por outro, ao bloco soviético e ao comunismo. Nesse momento, a posição política do poeta chileno foi a de participação na luta antifascista e de identificação com o comunismo.²⁴

Retomando o texto de Federico Schopf em *Araucaria de Chile*, o crítico chileno mencionou que a primeira edição de *España en el corazón* com a qual teve contato, quando ainda era um jovem estudante, trazia, junto a uma ilustração, poema autoexplicativo em que Pablo Neruda esclarecia a mudança temática de sua poesia através dos seguintes versos:

Preguntaréis por qué su poesía
no nos habla del sueño, de las hojas
de los grandes volcanes de su país natal?
Venid a ver la sangre por las calles,
venid a ver
la sangre por las calles,
venid a ver la sangre
por las calles!²⁵

Dessa maneira, por meio de versos tão incisivos, as referências feitas à *España en el corazón* em *Araucaria de Chile* fizeram todo o sentido, dado o contexto de similar resistência exercida pela própria revista diante da ditadura chilena, cujas marcas conservadoras e autoritárias tiveram como inspiração a ditadura de Francisco Franco, como afirmamos. Em 1987, no editorial da edição 40 de *Araucaria*, foram mencionados os 50 anos de publicação do livro, junto a outras datas significativas no entendimento de seus editores - algumas delas representativas para a cultura política comunista e socialista -, como os setenta anos da Revolução Bolchevique, os vinte anos da morte de Ernesto Che Guevara na Bolívia, os vinte anos da publicação de *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez, e, por fim, os dez anos de circulação da própria revista no exílio. Sobre *España en el corazón*, o editorial afirmava que o livro marcou “un viraje en la poesía de Neruda y que, paralelamente, hacía sonar todas las alarmas”, especialmente em relação ao fascismo.²⁶

Em *Araucaria de Chile*, no que se refere à literatura de Pablo Neruda, *España en el corazón* pareceu ter adquirido importância tão ou mais destacada do que *Canto General*. Uma explicação plausível para a questão foi a de que Neruda teria sido interpretado, nas páginas da revista, como o elo entre as duas experiências ditatoriais, a espanhola e a chilena, denotando claro sentido de resistência cultural e política à escalada autoritária nos dois países.

O ensaio *España en el corazón, Chile en el corazón*, de Volodia Teitelboim – *Araucaria de Chile*, número 40 -, foi esclarecedor a esse respeito. Nele, o autor procurou compor paralelos e aproximações entre as ditaduras dos dois países através da figura de Pablo Neruda. Este, como se

²⁴ Costa, A. V. (2007). *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers. pp. 95-97.

²⁵ Neruda, P. *apud* Schopf, F. (1984). Las huellas del poeta. *Araucaria de Chile*, n. 26, 117.

²⁶ Editorial. (1987). A los lectores. *Araucaria de Chile*, n. 40, 5.

sabe, nutriu fortes vínculos intelectuais e afetivos com a Espanha através, por exemplo, da amizade com os poetas Rafael Alberti, Vicente Aleixandre e Federico García Lorca, morto em 1936 pelas forças policiais golpistas durante a Guerra Civil.

O Chile, com a ditadura militar instaurada após o golpe de 1973, receberia a solidariedade de escritores espanhóis, sobretudo do também comunista Alberti, como uma espécie de gratidão ao afeto demonstrado por Neruda à Espanha republicana, além do compartilhamento de valores democráticos e/ou de esquerda nas posições políticas dos escritores, muitas vezes presentes em sua literatura. Foi Rafael Alberti, inclusive, nas palavras do acadêmico espanhol Pedro Gutiérrez Revuelta em *Araucaria de Chile*, um dos principais responsáveis por influir na tomada de posição marcadamente comunista por parte de Neruda, que possuía anteriormente tendências anarquistas. Um dos principais nomes da Geração de 27, que contava com García Lorca, Jorge Guillén, Pedro Salinas, Manuel Altolaguirre, Vicente Aleixandre, dentre outros importantes escritores e poetas espanhóis, Alberti teria sido, não apenas para Neruda, o elemento aglutinador do intercâmbio entre literatura e política para jovens escritores espanhóis da década de 1930, influenciando sobre certos círculos literários de Madrid.²⁷

Em um pequeno texto publicado como prelúdio ao mencionado ensaio de Volodia Teitelboim sobre *España en el corazón*, afirmou-se que esse livro não apenas marcou, segundo os estudiosos da obra nerudiana, o trânsito da poesia de recolhimento intimista, de *Residencia en la tierra*, para a poesia social e coletiva, de *Canto General*,²⁸ senão que foi

el puente que vuelve a unirnos con el Continente cuya civilización nos ha prohiado. Sólo que los versos del poeta nos instalan en una conciencia que tal vez siga siendo tributaria, pero que es ahora, sobre todo, una conciencia crítica. De Europa nos ha llegado lo mejor del aliento civilizador, pero también lo peor: el fascismo y la guerra.²⁹

Mais do que as aproximações construídas com a Espanha através dos aspectos culturais que as irmanavam, constatou-se, pelo filtro crítico proporcionado pela poesia de Pablo Neruda, a influência negativa exercida pelo país através do autoritarismo e das influências fascistas do franquismo. Foi essa experiência traumática de guerra civil vivenciada pelo poeta e exposta nos versos de *España en el corazón* o que levou Volodia Teitelboim a aproximar os contextos de dois países que, mais do que nunca, em sua leitura, pareciam unidos por tragédias semelhantes:

El autor salió de esa aventura transfigurado. En el Chile de aquella época recibimos *España en el Corazón* como si fuera un libro nuestro, no sólo por la nacionalidad del autor, sino, en primer término, porque España era nuestra causa y seguíamos las alternativas de la lucha minuto a minuto. Pero pienso que hoy día la obra posee para los chilenos aún mayor vigencia de la que tuvo entonces. Por una simple razón: porque esa *España en el Corazón* podría llamarse *Chile en el Corazón*. Y no en el

²⁷ Gutiérrez Revuelta, P. (1987). Neruda en España: “La calle destruida”. *Araucaria de Chile*, n. 40, 113-114.

²⁸ Esse também foi o argumento apresentado introdutoriamente em Berchenko, P. (1987). “Espana en el Corazón”: bibliografía anotada. *Araucaria de Chile*, n. 40, 129-142.

²⁹ *Araucaria de Chile*. (1987). Perennidad de Neruda. *Araucaria de Chile*, n. 40, 98.

noble sentido que le dan Rafael Alberti y muchos poetas españoles. [...] Pero la razón del por qué *España en el Corazón* tiene hoy para nuestra gente tanto sentido, en primer término, es otra. Se debe a que, modificando nombres de personas y de lugares, mudando toponimias y la forma de los hechos históricos, la situación de fondo es demasiado parecida. [...] De ahí que *España en el Corazón* es hoy para los nuestros *Chile en el Corazón*.³⁰

Importante elucidar que Volodia Teitelboim fez menção ao livro *Chile en el corazón*, antologia em homenagem a Pablo Neruda e em solidariedade à resistência chilena à ditadura, organizada pelas espanholas Aurora de Albornóz e Elena Andrés e publicada no ano de 1975, em Barcelona, pela *Ediciones Península*, obra que contou com poemas de Rafael Alberti, Jorge Guillén, Vicente Aleixandre e demais poetas espanhóis e de outras nacionalidades. Como se nota, o livro foi concebido com clara alusão à obra poética de Pablo Neruda. Tratou-se de iniciativa concretizada, em boa medida, como forma de gratidão ao apoio do poeta chileno aos espanhóis republicanos e comunistas, exercido não somente por meio dos versos de *Espanã en el corazón*, como também através da fuga, que Neruda organizou, de muitos deles para o Chile, transportados pela embarcação *Winnipeg*.³¹ A esse respeito, *Araucaria de Chile* publicou em sua oitava edição uma série de relatos, concedidos em entrevista ao jornalista chileno Leonardo Cáceres, de espanhóis que compartilharam dessa experiência de exílio no Chile, muitos deles intelectuais vinculados a organizações e partidos espanhóis de esquerda, como o *Partido Comunista de España* (PCE), o *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE) e a *Juventud Socialista Unificada* (JSU). A publicação de tais testemunhos se concretizou em virtude dos 40 anos da saída de espanhóis pela embarcação até o porto de Valparaíso.³²

Novos textos foram resultado da necessidade do poeta chileno em intervir publicamente, através de seus versos, diante dos acontecimentos na Espanha. O poema *Un canto a Bolívar* foi escrito e lido pelo poeta no ano de 1941, em um ato realizado na *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), publicado posteriormente no livro *Tercera Residencia* (1947), no qual também figurou *Espanã en el corazón*. O poema foi analisado pelo escritor e crítico chileno Humberto Díaz-Casanueva em seu texto *Neruda y su "Canto a Bolívar"*, publicado em *Araucaria de Chile* na edição 26, situando-se também na proposta da revista em abarcar a literatura mais política de Pablo Neruda. O autor afirmou que Neruda redigiu esse poema em uma época em que se sentia “exarcebado por la tragedia española, que vivió tan de cerca, y por la segunda guerra mundial”. Além do mais, naquele tempo, o poeta chileno descobriu, segundo Díaz-Casanueva, “com mayor intensidad, su filiación americana”. Por essa razão, apontou, *Un*

³⁰ Teitelboim, V. (1987). *España en el corazón, Chile en el corazón*. *Araucaria de Chile*, n. 40, 98-100.

³¹ Com a derrota dos republicanos na guerra civil espanhola, muitos deles tentaram se exilar na França do presidente socialista Léo Blum. Sofrendo pressão da direita francesa e do comitê de não intervenção, o presidente enviou boa parte desses exilados para a prisão. Nomeado embaixador na França pelo presidente Pedro Aguirre Cerda, Pablo Neruda recebeu como missão reunir grande número desses espanhóis e transportá-los para o Chile. Junto a membros do ex-governo republicano espanhol no exílio, Neruda embarcou mais de dois mil espanhóis no barco *Winnipeg*, que atracou em Valparaíso em fins de 1939. Ver Costa, A. V. (2007). *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers. pp. 108.

³² Cáceres, L. (1979). El “Winnipeg” cuarenta años después. *Araucaria de Chile*, n. 8, 47-68.

canto a Bolívar foi um canto de afirmação do destino da América, de suas liberdades, instituições e desenvolvimento.³³

Se, em *Araucaria de Chile, España en el corazón* mereceu importante destaque, dividindo espaço com *Canto General* como um dos textos mais analisados por seus colaboradores, em *Literatura Chilena* a obra em solidariedade aos republicanos espanhóis foi também retomada e veiculada, embora de maneira menos significativa quando comparada à primeira revista. Em seu número 6, Guillermo Araya, um dos principais críticos literários chilenos a analisar a obra nerudiana em *Literatura Chilena*, publicou *Etapas en la obra de Pablo Neruda*. Neste texto, Araya se referiu à *España en el corazón* como um marco inicial na fase que considerou como de “plenitud épica” na criação literária de Neruda. Na mesma perspectiva de análise presente nos autores que publicaram em *Araucaria de Chile*, como Volodia Teitelboim e Federico Schopf, Guillermo Araya apontou que o impacto da guerra civil espanhola “sacudió profundamente al poeta y le hizo descubrir al otro”. Prosseguiu o autor, afirmando que esse descobrimento do outro o fez modificar o eixo de sua poesia, pois “ya no se centra en el yo, triste, angustiado y desesperado, pero lúcido, que se expresó magníficamente en *Residencia*, sino que se centra en el otro, en el prójimo y sobre todo en el otro multitudinario, en el pueblo”. Essa virada na poesia de Pablo Neruda ocorreu, portanto, nas palavras de Araya, não por uma simples “conversão poética”, mas sim em razão de uma profunda renovação produzida pela reflexão crítica acerca do seu processo criativo, reflexão esta advinda da

brutalidad del fascismo operando a vista de ojos en la España republicana. Para poetizar toda esta compleja y nueva situación no cabe más recurso que contar quiénes son los adversarios, cómo se enfrentan, qué valores defienden en qué espacio desarrollan sus luchas. La poesía de Neruda se torna así épica por un proceso vital de maduración y por un conjunto de circunstancias personales que lo envuelven.³⁴

Na 12ª edição, ao cumprir três anos de circulação e seis anos da morte de Pablo Neruda, *Literatura Chilena* dedicou o presente número ao poeta,³⁵ especialmente a relação intelectual, política e afetiva que ele teve com os poetas espanhóis durante o tempo em que permaneceu em Madrid. No seu editorial, novamente de maneira similar às análises publicadas em *Araucaria de Chile* e muito próximo à ideia apresentada por Guillermo Araya, afirmou-se que *España en el corazón* constituiu “momento clave de la evolución de la poesía de Pablo Neruda”. Para o poeta, concluiu o texto, essa obra foi “el modo doloroso, íntimo, de confrontar las opciones de la historia y de redefinir sus deberes y su voz”. Posicionando-se politicamente em relação à ascensão do fascismo e à ofensiva dos militares a partir do pronunciamento do general Franco, que levou à irrupção da guerra civil espanhola, *Literatura Chilena* defendeu que esses acontecimentos constituíram-se em dura experiência, colocando à prova de maneira frontal duas opções políticas para a vida contemporânea: de um lado, a democracia, com as possibilidades de

³³ Díaz-Casanueva, H. (1984). Neruda y su “Canto a Bolívar”. *Araucaria de Chile*, n. 26, 71.

³⁴ Araya, G. (1978). *Etapas en la obra de Pablo Neruda. Literatura Chilena en el Exilio*, n. 6, 3.

³⁵ Ao longo das páginas dessa edição, foram apresentadas imagens fotográficas do cortejo que levou o corpo de Pablo Neruda ao Cemitério Geral, em Santiago. O cortejo ganhou a adesão de muitos admiradores e companheiros políticos do poeta à medida que avançava, tendo sido acompanhado de perto por tanques do Exército chileno.

realização plena através do socialismo, e, de outro, a ditadura fascista, a maneira como o impresso entendia também a ditadura de Pinochet.³⁶ Com essa reflexão, a revista estabeleceu uma correlação, em sua ótica, com o que ocorreu no Chile em setembro de 1973, e evidenciou sua editoria política irmanada aos valores socialistas chilenos, sobretudo na perspectiva institucional-democrática que defendia Salvador Allende.

Nessa edição de número 12 da revista, foram publicados poemas oriundos do livro *Chile en el corazón*. Como apresentamos anteriormente, o livro foi dedicado a Pablo Neruda e contou especialmente com poemas de escritores espanhóis. Na seção *Poemas*, a revista selecionou textos de Jorge Guillén e Rafael Alberti (Geração de 27), além de Carlos Bousoño, Gabriel Celaya e José Augustin Goytisolo. Todos os poemas, obviamente, fizeram referência elogiosa e de tom saudosista a Pablo Neruda. Destacamos os representativos versos de José Augustín Goytisolo, portadores de lamento, mas, ao mesmo tempo, também de esperança, sustentada, como frisou, nas palavras do próprio poeta chileno:

[...] Después de todo sobran los lamentos
- no les gustaron nunca recordarlo –
y así está la cuestión
hasta que llegue la segunda vuelta:
el camino es difícil pero andamos
con sus palabras como estandarte.³⁷

Reproduzimos também parte do poema de Rafael Alberti ao amigo poeta, representativo no que concerne à morte de Neruda em setembro de 1973 e à violência política da ditadura no Chile, trecho publicado na revista como forma de resistência cultural e política à trágica conjuntura para os inúmeros chilenos afetados pela repressão (em especial a esquerda), com os quais Alberti se unia por meio de seus versos:

[...] Han pasado los años,
han pasado las guerras más feroces, más tristes,
han sucedido (pocas veces el sol) la oscuridad y el llanto,
ha mandado la noche tanto tiempo con su espada de sombra,
mientras tú, Pablo, hermano profundo de la paz,
del bien para los hombres,
de la palabra desencadenada
por encima del mar y de las cordilleras,
Pablo de los ríos solemnes y los más finos pétalos,
de los cielos australes sin orillas,
de la pasión abierta y los justos castigos,
cuando eras más la voz de la esperanza,
cuando alzabas a cimas la luz para tu pueblo

³⁶ Editorial. (1979). *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 1.

³⁷ Goytisolo, J. A. (1979). Con las palabras de Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 19.

(lo oí una madrugada), te morías
de dolor, rodeado de asesinos,
mientras corría en Chile la sangre por las calles.³⁸

Foi publicada, ainda, na edição de número 12 de *Literatura Chilena*, uma crônica de Vicente Aleixandre em que ele explicou como conheceu Pablo Neruda, a amizade de ambos, os momentos em Madrid, os encontros com Federico García Lorca e Manuel Altolaguirre, e a última vez em que esteve com o poeta chileno. O lamento sobre a morte de Neruda e a solidariedade para com o Chile sob a repressão pinochetista se fizeram evidentes na última frase do texto: “[...] hoy muerto, trágicamente acabado, y su Chile en nuestro corazón”.³⁹ Sobre Aleixandre, que possuiu trajetória distinta a de seus companheiros por não ter se exilado durante ou após a derrota republicana na guerra civil, *Literatura Chilena*, em seus primeiros números, publicou a informação de que o poeta espanhol foi agraciado com o Nobel de Literatura em 1977. Sobre a cerimônia de premiação, a revista destacou, no discurso de agradecimento do intelectual espanhol, sua apologia ao progresso da humanidade, à democracia e à justiça social,⁴⁰ ideias endossadas por *Literatura Chilena* e redirecionadas ao contexto de ditadura no Chile.

Assim, como forma de conclusão deste estudo proposto, percebemos que a publicação de textos sobre a relação entre Pablo Neruda e a Espanha convulsionada pela guerra civil esteve em todo momento coerente com o projeto editorial das revistas *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena*, que surgiram no exílio como impressos de resistência cultural e política à ditadura militar no Chile. O fato de parte dos argumentos nas revistas terem sido publicados em seus editoriais diz muito sobre a intencionalidade de cada uma ao não recorrerem ao silêncio sobre um tema delicado e ainda bastante controverso, cujas feridas não foram devidamente cicatrizadas na Europa e nos países da América Latina que de algum modo estiveram envolvidos com o conflito espanhol. A este respeito, devemos pensar no significativo exílio de republicanos para países como o México, a Argentina e o próprio Chile, embora, neste último caso, em menor grau quando comparado aos dois primeiros.

Como revistas culturais de forte caráter literário, recorrer constantemente a Pablo Neruda em suas páginas significou inserir seus editores - Volodia Teitelboim e Carlos Orellana (*Araucaria de Chile*) e Fernando Alegría e David Valjalo (*Literatura Chilena*) - e principais colaboradores em uma ampla rede intelectual cuja referência cultural maior foi o poeta chileno. Neruda foi transformado em cânone, símbolo que representou ao mesmo tempo qualidade literária e engajamento político, junção necessária em tempos de repressão, censura, violência política e exílio.

Compondo o amplo quadro de contribuições que as duas revistas tiveram, o que refletiu em temas culturais que foram além do âmbito literário, podemos concluir que Pablo Neruda e a guerra civil espanhola foram retomados em *Araucaria de Chile* sob a ótica de uma revista comunista que procurou ressaltar os valores e a linguagem dessa cultura política na abordagem da questão. O que ficou mais evidente foi o aspecto tangente à resistência de Neruda e dos

³⁸ Alberti, R. (1979). Con Pablo Neruda en el corazón. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 19.

³⁹ Aleixandre, V. (1979). La última vez que vi a Neruda. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 9.

⁴⁰ *Literatura Chilena en el Exilio*. (1977). Documentos. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 4, 36.

intelectuais espanhóis ao avanço fascista na Espanha, com um tom apologético da revista aos republicanos de esquerda. Ressaltamos ainda a amizade e relação mútua de solidariedade entre Neruda e o também poeta comunista Rafael Alberti. Já em *Literatura Chilena* constatamos da mesma forma o valor dado pela revista aos laços de solidariedade entre Neruda e os poetas espanhóis através da literatura, sobretudo. Contudo, foi menos evidente, embora seu editorialismo programático tenha sido claramente ligado aos valores de esquerda, sua vinculação aos elementos do comunismo chileno quando comparada à *Araucaria de Chile*.

Em ambas as revistas, porém, sobressaiu o claro recado de enfrentamento à ditadura de Augusto Pinochet ao evocarem personagens e discursos relativos a uma literatura engajada na resistência política a qualquer tipo de autoritarismo ou “herança fascista”.

Referências bibliográficas

- Aggio, A. (2002). *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Annablume.
- Alberti, R. (1979). “Con Pablo Neruda en el corazón”. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 19.
- Aleixandre, V. (1979). “La última vez que vi a Neruda”. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 9.
- Araucaria de Chile. (1987). “Perennidad de Neruda”. *Araucaria de Chile*, n. 40, 97-98.
- Araya, G. (1978). “Etapas en la obra de Pablo Neruda”. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 6, 2-4.
- Beevor, A. (2005). *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica.
- Berchenko, P. (1987). “España en el Corazón”: bibliografía anotada. *Araucaria de Chile*, n. 40, 129-142.
- Berstein, S. (2009). *Culturas políticas e historiografia* (pp. 29-47). En Mauad, A. M.; Azevedo, C. (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bertonha, J. F. (2015). Sobre fascismos e ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do Brasil, Argentina e Chile. *Revista de História Comparada*, n. 1, 203-231.
- Cáceres, L. (1979). El “Winnipeg” cuarenta años después. *Araucaria de Chile*, n. 8, 47-68.
- Casanova, J. (org.) (2002). *Morir, matar, sobrevivir: la violencia en la dictadura de Franco*. Barcelona: Crítica.
- Costa, A. V. (2007). *Pablo Neruda: uma poética engajada*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Cruz, R. (2006). *En el nombre del pueblo. República, rebelión y guerra en la España de 1936*. Madrid: Siglo XXI.
- Díaz-Casanueva, H. (1984). “Neruda y su ‘Canto a Bolívar’”. *Araucaria de Chile*, n. 26, 70-76.
- Dorfman, A. (2003). *O longo adeus a Pinochet*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Editorial. (1978). *Araucaria de Chile*, n. 1, 5-8.
- Editorial. (1979). *Araucaria de Chile*, n. 8, 4.
- Editorial. (1984). “A los lectores. 80 años de Neruda”. *Araucaria de Chile*, n. 26, 5.
- Editorial. (1987). “A los lectores”. *Araucaria de Chile*, n. 40, 5.

- Editorial (1977). *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 1, 1.
- Editorial. (1979). *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 1.
- Goytisolo, J. A. (1979). “Con las palabras de Neruda”. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 12, 19.
- Gutiérrez Revulta, P. (1987). “Neruda en España: ‘La calle destruída’”. *Araucaria de Chile*, n. 40, 111-123.
- Jara Hinojosa, I. (2006). *De Franco a Pinochet: el proyecto cultural franquista en Chile, 1936-1980*. Colección Teoría 16, Programa de Magíster en Teoría en Historia del Arte, Facultad de Artes Universidad de Chile.
- Literatura Chilena en el Exilio. (1977). Documentos. *Literatura Chilena en el Exilio*, n. 4, 36.
- Motta, R. P. S. (2013). *A cultura política comunista: alguns apontamentos* (pp. 15-37). En Motta, R. P. S.; Napolitano, M.; Czajka, R. (orgs.). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Motta, R. P. S. (2009). *Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia* (pp. 13-38). En Motta, R. P. S. (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm.
- Muñoz, H. (2010). *A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Patiño, R. (2009). *América Latina: literatura e crítica em revista(s)*. En E. M. de Souza, R. Marques (orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina* (pp. 456-470). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Salvador, A. (2013). “Pablo Neruda y la Generación del 27”. *Revista Letral*, n. 10, 73-87.
- Schopf, F. (1984). “Las huellas del poeta”. *Araucaria de Chile*, n. 26, 114-127.
- Sémelin, J. (1994). “Qu’est-ce que ‘résister’?”. *Esprit*, n. 198, 50-63.
- Teitelboim, V. (1987). “España en el corazón, Chile en el corazón”. *Araucaria de Chile*, n. 40, 98-111.
- Teitelboim, V. (1984). “Para leer el ‘Canto General’”. *Araucaria de Chile*, n. 26, 205-209.
- Traverso, E. (2015). *Interpretar o fascismo: sobre George L. Mosse, Zeev Sternhell e Emilio Gentile* (pp. 13-38). En Quadrat, S. V.; Rollemberg, D. (orgs.). *História e memória das ditaduras do século XX*, v.1. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Valdivia, V. (2015). *Pinochetismo e guerra social no Chile*. En R. P. S. Motta (org). *Ditaduras Militares: Brasil, Argentina, Chile e Uruguai* (pp. 121-141). Belo Horizonte: Editora UFMG.